

A revolta dos obtusos

» VALDIR OLIVEIRA

Ex-Secretário de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal

Os fatos que aconteceram em Brasília envergonharam o Brasil. A revolta dos obtusos, por certo. Um lamentável episódio que será estudado nos livros de história como o dia em que os insatisfeitos com a escolha popular resolveram impor a proposta derrotada nas urnas, por meio da dilapidação dos prédios sede dos poderes da República. Danificaram valores, inclusive históricos, valiosos. Uma multidão organizada e manipulada para esse fim por aqueles que se escondem e colocam em risco vidas e patrimônio alheios para defesa de seus interesses. Triste capítulo da história brasileira.

A multidão golpista inflamada marchou em direção à Esplanada dos Ministérios escoltada pelas forças de segurança do Distrito Federal tal e qual uma tropa que se dirige ao campo de batalha, com gritos de ordem. E a guerra se instalou na Praça dos Três Poderes. Inacreditável como, de tão previsível, surpreendeu às autoridades do Distrito Federal. Toda a escalada preparatória nas redes sociais nos dias que antecederam essa tragédia histórica; e toda a narrativa, desde a chegada dos ônibus em Brasília. A convicção da tropa golpista em relação à invasão da esplanada tornava claro o objetivo: ruptura da nossa democracia.

Não foi só a máquina estatal distrital que fraquejou na defesa da ordem. Ao que parece, houve a complacência daqueles que são investidos da missão de proteger a soberania nacional. Veio à minha lembrança o pedido de desculpas do general Mark Milley, maior autoridade militar americana, em 2020. Usado para interesses políticos pelo Presidente Trump, o General pediu

desculpas por ter participado de um ato político, mostrando que as forças armadas americanas são entidades de Estado e não de Governo. Faltou essa reflexão às autoridades militares brasileiras. Silêncio estrondoso. Nenhuma palavra dita em defesa da democracia. Esse é o erro da politização de quem não deveria se deixar contaminar com os debates ideológicos. As instituições precisam ser independentes das pessoas que a comandam para evitar que sejam usadas para interesses pessoais e não da sociedade que representam.

Cabe à liderança a reflexão sobre os limites que devem seguir para não serem máquinas a serviço do governo de plantão ou de movimentos ideológicos. Ao que parece, perdemos esse limite no trágico domingo do atentado a nossa democracia em Brasília. Faltou comando. Faltou a autoridade que deveria impor o limite e a direção da tropa. E essa inépcia trouxe prejuízos materiais e imateriais incalculáveis, além de afrontar o nosso bem maior: a democracia. O vácuo produzido gerou a oportunidade de quem queria construir a narrativa do golpe, sem se preocupar em esconder suas digitais, como se a regra fosse um “golpe impresso e auditável”. De vídeos produzidos antes, durante e depois do ataque, até minutos de documentos que materializariam o golpe de estado, tornaram-se inúmeras as provas do hebetismo daqueles que sonharam com o retrocesso de uma ruptura democrática pela força militar.

A autonomia administrativa do Distrito Federal é uma cláusula pétrea para os brasilienses. O presente que nos foi dado pela Carta Magna de 1988 trouxe a maturidade democrática de escolha pelos

brasilienses sobre os destinos de Brasília. Complementando a nossa autonomia foi instituído o Fundo Constitucional do Distrito Federal, outro pilar vital para nossa existência, sendo ele a fonte da nossa saúde, educação e segurança.

Brasília não pode pagar pelos erros de alguns. As pessoas passam, Brasília fica e é nela que reside a nossa defesa. Os erros não estão nas instituições, mas nas pessoas. Não é a polícia ou o governo o responsável pelos erros cometidos. O erro foi das pessoas e a pena não pode ultrapassar o culpado para atingir a toda a sociedade. Brasília precisa continuar com sua autonomia e a sustentabilidade que pressupõem a sua existência. O curso da nossa cidade deve ser decidido pelos brasilienses. Aqueles que atiraram na nossa democracia, resvalaram na nossa autonomia. Atitude irresponsável de quem não mede a consequência dos seus atos.

Nossa Polícia Militar merece o respeito pela sua história e a sua missão. Não podemos permitir que a mácula produzida por alguns despreze a história diária de proteção do povo Brasiliense. Quantas vidas já foram salvas pela defesa abnegada de seus combatentes? O Governo do Distrito Federal é a porta que procuram os que precisam do apoio diário do Estado. Ninguém melhor para atender os brasilienses espalhados pelas regiões administrativas que aqueles que foram escolhidos para representá-los. Os erros servem de aprendizado para a caminhada. A democracia é inegociável e deve ser protegida pelo Estado. A lição já sabemos de cor, só nos resta aprender!



O futuro do bolsonarismo

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO

Advogado, foi ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

Ao escolher a fuga como saída para a derrota, o ex-presidente Jair Bolsonaro errou. O capital político acumulado em quatro anos de governo não poderia ser jogado no lixo da história. Foi reduzida a diferença em relação ao eleito. Afinal, receber 58,2 milhões de votos é significativo e honroso em qualquer circunstância. Mais ainda, quando se trata de alguém que cometeu seguidos erros no exercício do mandato e enfrentou o político mais arduo das últimas gerações.

Na Câmara dos Deputados, Jair Bolsonaro jamais obteve projeção. Exerceu diversos mandatos. Saltou de um partido para outro, na cabal demonstração de incapacidade para celebrar acordos e galgar posição de liderança. Muito tempo já se consumiu na discussão dos motivos determinantes da vitória de 2018. Ao que tudo indica, apenas ele, os membros da família e pequeno círculo de íntimos foram incapazes de entender que fenômenos de tal magnitude não ocorrem duas vezes. Ao invés de trabalhar no sentido de converter prestígio passageiro em sólido patrimônio político, o ex-presidente aplicou energias para se desacreditar.

Jair Bolsonaro pertence à espécie dos lobos solitários. Sem ele no governo, o movimento bolsonarista tende a se diluir. Tem massa, mas carece de definição ideológica. Sabe-se que é de direita, contra o comunismo e que congrega adversários de Lula e do PT. Se Bolsonaro aspira ser líder, será o líder de quem? Das classes médias? Do agronegócio? Das polícias militares? De

soldados, cabos e sargentos? De aficionados do tiro e de motociclistas? Durante o mandato, Bolsonaro permaneceu indiferente à tarefa de costurar alianças. Talvez acreditasse que bastaria o apoio das Forças Armadas.

O único presidente da República que se impôs aos inimigos, antes e depois de morto, foi Getúlio Vargas. A liderança política se agigantou após o suicídio em agosto de 1954, impulsionada pela memorável Carta Testamento. O veio nacionalista e as mensagens de carinho às classes trabalhadoras sustentavam o trabalho representado pelo PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. O fantasma petista ressurgiu das trevas da Operação Lava Jato e se materializou na pessoa de Luís Inácio Lula da Silva. Ao deixar a prisão em Curitiba, favorecido por artifício processual, Lula deve ter se apercebido da fraqueza do presidente. Como candidato do Partido dos Trabalhadores, se pôs em campanha decidido a disputar e vencer as eleições.

Como ser humano, Lula tem defeitos. Talvez o maior seja a incontrolável arrogância. O ministério montado para satisfazer sedentos petistas, atender aos reclamos de aliados e de ex-adversários deverá apresentar soluções rápidas e objetivas para antigos problemas estruturais. O prazo de tolerância será curto. Impaciente e esgotado, o povo cobrará resultados. Nos discursos de posse, o antigo dirigente sindical, saudosos das assembleias no Estádio de Vila Euclides, esbanjou promessas e fez duras acusações ao antecessor.

Se a Jair Bolsonaro faltou grandeza na derrota, a Lula faltou entender a gravidade da ocasião. Não dirigiu uma só palavra de apaziguamento aos adversários. Dizer que recebeu o país arrasado não corresponde à verdade. Arrasado se encontrava quando Dilma Rousseff foi cassada. Por seu lado, foi insincero ao afirmar que pretende unir os brasileiros no esforço de erradicar a miséria, retomar o desenvolvimento, combater a inflação. Para que haja união são indispensáveis paciência, compreensão e modéstia. Marcada pelo maniqueísmo, a carreira sindical foi longa sucessão de conflitos e greves. Ao insistir na belicosa polarização, Lula expõe as raízes do passado.

Ao assumir o governo em 1985, o presidente José Sarney buscou o diálogo com a sociedade. Evitou o revanchismo. Venceu resistências para apoiar o fim de intervenções em sindicatos. Autorizou o Ministério do Trabalho a anistiar dirigentes cassados. Em 26/6/1985 se reuniu com lideranças dos trabalhadores na Granja do Torto para o exame de problemas de interesse comum. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), dirigida por Jair Meneguelli e Lula, se recusou a comparecer. A mesma omissão se registrou em duas tentativas de Pacto Social.

O país necessita de união. Não deve continuar dividido entre fanática esquerda lulista e a direita bolsonarista. O bolsonarismo talvez não sobreviva por lhe faltar líder experiente, carismático e aglutinador. No deserto de lideranças, difícil será encontrá-lo.

A democracia só estará segura sem anistia para golpistas

» FÁBIO FELIX

- Deputado distrital e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do DF

A construção antidemocrática protagonizada pela extrema-direita foi fortalecida, em grande medida, pelo surgimento do bolsonarismo. A face violenta desse projeto tem sido construída com ações simbólicas e medidas concretas. Destaca-se, no âmbito simbólico, a profissionalização de um gabinete de desinformação no próprio Palácio do Planalto para destruir personalidades, desafetos políticos e inventar narrativas mentirosas. No que diz respeito a ações concretas, merece destaque o conjunto de medidas de aparelhamento extremo das Forças Armadas, que têm tendências direitistas históricas e amargam até hoje o gosto do fim de sua era ditatorial no poder. Além disso, houve a adoção de uma política de armas irresponsável, com estímulo explícito ao armamento de seu grupo político.

No entanto, os esforços empregados não foram suficientes para impedir a derrota eleitoral e política da extrema direita em 2022. Foram derrotados nos dois turnos das eleições presidenciais. E a derrota política se deu na trama de um terceiro turno, quando a extrema-direita buscou se articular nos bastidores com setores das Forças Armadas para não reconhecer o resultado das eleições e tentar impedir a posse do presidente Lula.

Desistiram, pois as consequências seriam dramáticas. O Brasil seria desplugado imediatamente do sistema internacional e teria uma onda interna de resistência democrática brutal. Afinal, Lula teve 60 milhões de votos. Somado a isto, praticamente todas as forças institucionais e econômicas relevantes não compraram a ideia. A minuta de decreto golpista, encontrada na casa do ex-ministro de Bolsonaro Anderson Torres, reforça a suspeita de boa parte dos brasileiros.

Mas o intento golpista não morreu, não foi combatido por Bolsonaro e foi, na verdade, constantemente alimentado. Militares da reserva, até da ativa, e lideranças bolsonaristas incentivaram os acampamentos dos quartéis gerais do exército brasileiro com uma única pauta: exigência de golpe de estado. O mantra repetido era que Lula não subiria a rampa.

Os protestos que no seu DNA eram autoritários e tinham uma pauta simbolicamente violenta não podiam virar outra coisa que não uma indústria a céu aberto de golpismo e terrorismo contra as instituições. O primeiro recado foi em 12 de dezembro, com ações absolutamente criminosas em Brasília resultado da diplomação de Lula. As ameaças terroristas não cessaram e o natal não foi em paz com diversas denúncias de bomba, incluindo um planejamento de explosão de caminhão inflamável nas proximidades do aeroporto de Brasília.

Importante registrar que tudo isso veio acompanhado de omissão ou “minimização” por parte das autoridades bolsonaristas ainda no poder federal. E da mesma forma as autoridades locais relutaram em tratar os “patriotas” como uma célula golpista que podia recorrer a atitudes extremas. A irresponsabilidade do governador Ibaneis Rocha era tamanha que ele escolheu nada menos que Anderson Torres para assumir a Secretaria de Segurança no quintal de Lula, ameaçado de golpe. Ibaneis pode até não ser um conspirador pró-golpe mas está longe de não compreender as consequências políticas de suas escolhas.

O dia 8 de janeiro de 2023 marcou a chegada do momento de maior radicalismo e tensão que a minha geração assistiu na política brasileira. Bolsonaristas se organizaram nos QGs do país para marcharem à Brasília e abertamente mudaram o tom, dessa vez dizendo que vão usar a força necessária. Convocam atiradores esportivos, militares da reserva e muita gente lunática capturada pela seita fascista vai às ruas. O que o governador do DF faz?

Sinaliza para a imprensa que a Esplanada é espaço livre para manifestações, como se estivesse lidando com um ato por pautas legítimas e com uma convocatória pacífica. As

autoridades sabiam dos conteúdos que circulavam nos grupos. E tenho tranquilidade para afirmar que há uma rede criminosa de omissão e prevaricação em diferentes níveis do poder público. Aqueles que eventualmente tenham atuado de forma omissa sem dolo também têm responsabilidade com as consequências para a democracia.

Dessa forma, o afastamento do governador e as prisões realizadas de mais de 1200 pessoas são medidas necessárias para colocar fim ao ímpeto golpista no Brasil. O problema não é a depredação do patrimônio público em larga escala, mesmo que isso já seja muito grave. Especialistas em patrimônio histórico têm confidenciado que o prejuízo total pode ficar acima de um bilhão, se mapeados todos os danos físicos, artísticos, patrimoniais, tecnológicos e históricos. Mas a questão ainda mais grave é a tentativa descarada de golpe de estado. Defender investigação e punição rigorosas é um dever cívico porque se trata de um crime grave contra a alma da democracia que é a nossa liberdade. Afirmando sem medo que a verdadeira pacificação só virá sem anistia!